

# Instinto de Sobrevivência

A economia mundial passa por uma formidável transformação. O empresário que não atentar para isso e pensar pequeno — na ação do governo e no mercado interno apenas — vai ficar ultrapassado. Os problemas básicos da economia brasileira não foram ainda removidos, mas os empresários começam a tomar atitudes que já deviam há muito ter adotado: esquecer um pouco o governo e tocar os negócios.

Há pelo menos 10 anos o noticiário econômico cansa os leitores com a dualidade entre governo e empresários. De olho na ação estatizante dos governos, os empresários os criticavam publicamente, enquanto nos bastidores procuravam obter a proteção e as boas graças do Estado. Com medo de caminhar pelas próprias pernas, acabaram, também, atrasando o país.

O Estado cresceu tanto e assumiu tantos compromissos com suas empresas e os empresários que faliu, sem poder cumprir as obrigações sociais, arrastando o país ao limiar da hiperinflação. O governo Collor decidiu atacar de frente o saneamento do Estado.

Como seria natural para um organismo que começa a perder algumas das fontes que alimentavam as suas distorções, a economia brasileira entrou numa crise típica das fases em que os viciados tentam se livrar da dependência: é um processo doloroso, mas o caminho da cura não pode ter volta.

A pior fase já passou. O organismo continua doente, mas as doses de intervencionismo governamental começam a ser substituídas pela liberalização da economia em diversos campos, como a redução das tarifas aduaneiras e o estímulo à concorrência interna e externa. Apelos patéticos do doente continuam, infelizmente, comovendo o Congresso, onde ainda é muito forte a doutrina do intervencionismo estatal que marcou o desenvolvi-

mento econômico (com inflação) nos últimos 40 anos.

O Congresso e a burocracia encastelada no Estado tramam contra a liberalização e a modernização da economia, pretendidas pelo governo Collor, como atestam as resistências à privatização das estatais e a tentativa de prorrogação da reserva de mercado para a indústria da informática, com seriíssimas implicações em todo o processo de liberalização da economia.

Mas os empresários mais lúcidos perceberam que o governo já reconhece e começa a colocar em prática o princípio da estabilidade nas regras do jogo. Sem os sobressaltos das mudanças tributárias e das taxas de juros, enquanto a inflação caminha para uma faixa mensal suportável, dentro da atual política de administração da saída do congelamento de preços, os empresários voltam a planejar e a investir.

A modernização empresarial é condição *sine qua non* para a sobrevivência das empresas numa economia altamente competitiva, em escala mundial. A economia é um processo darwiniano, em que vão sobreviver os mais fortes, os mais aptos e os mais capazes.

Tudo isso é conquistado com muito esforço em pesquisa tecnológica, modernização administrativa e agressividade mercadológica. E nada disso se desenvolve sob o asfíxiante manto protetor do Estado. Os empresários brasileiros custaram a acordar para essa simples realidade, anestesiados que estavam pelas doses crescentes de estatização.

A reativação dos negócios, das pesquisas, do *marketing* e da propaganda é um sinal claro que os empresários estão assumindo uma nova atitude, que efetivamente condiz com a sua função de empreendedor e modernizador das sociedades. A experiência da liderança desse processo pelo Estado — está provado — não conduziu a bons resultados,